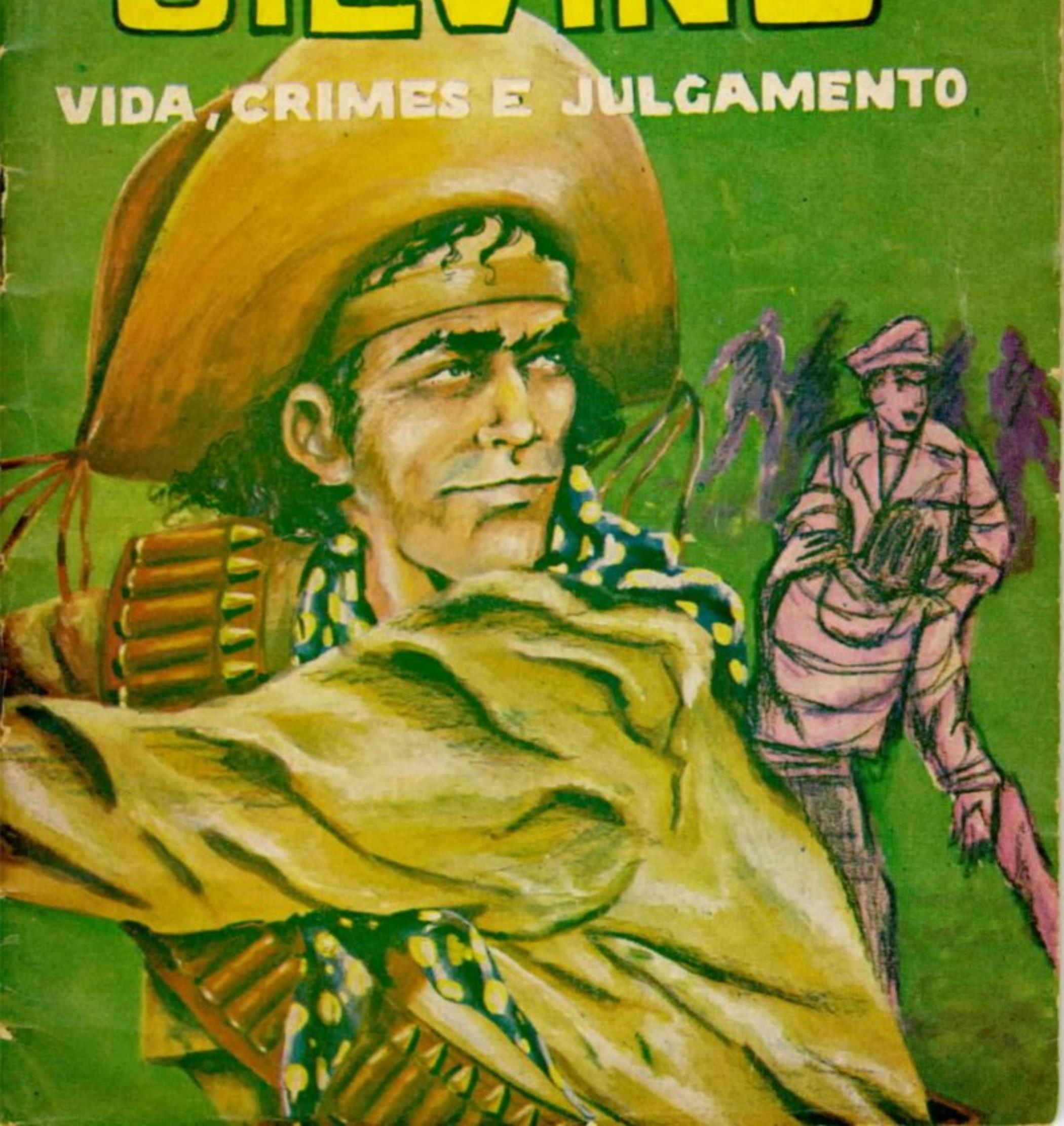


# ANTÔNIO SILVINO

VIDA, CRIMES E JULGAMENTO



# ANTONIO SILVINO

## VIDA, CRIMES E JULGAMENTO

Autorizado e registrado de acordo com a lei na  
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042/50  
FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6  
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

# ANTONIO SILVINO

## Vida, Crimes e Julgamento



Leitor, em versos rimados  
Vou minha história contar,  
Os crimes que pratiquei  
Venho agora confessar,  
Jurando que da verdade  
Jamais me hei-de afastar.

Pedro Batista de Almeida  
E Balbina de Moraes,  
Casados catolicamente,  
Foram meus legítimos pais,  
Nascidos em Pernambuco  
E do Pajeú naturais.

Nas margens do Pajeú  
No distrito de Ingazeira,  
Junto à Serra da Colonia  
Vi o sol a vez primeiro;  
Ao nascer trouxe nas veias  
Sangue da raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco  
Num ano de inverno forte,  
No dia dois de novembro  
Aniversário da morte;  
Por isso o cruel destino  
Deu-me de bandido a sorte.

Meu avô foi muito rico  
E meu pai foi abastado,  
Mas não me mandou educar  
Porque onde eu fui criado  
O povo não aprecia,  
O homem civilizado.

Ali se aprecia muito  
Um cantador, um vaqueiro,  
Um amansador de patro  
Que seja bem catinguêiro  
Um homem que mata onça  
Ou então um congaceiro.

Meu pai fez diversas mortes,  
Parém não era bandido;  
Matava em defesa própria  
Quando se via agredido,  
Pois nunca guardou desfeito,  
Morreu por ser atrevido.

Enquanto eu era pequeno  
Aprendi a trabalhar,  
Chegando aos 14 anos  
Dediquei-me a vaquejar  
Abraçei aos vinte anos  
A profissão de matar.

No ano noventa e seis  
 Meu pai foi assassinado  
 Pela família dos Ramos;  
 Já sendo nosso intrigado  
 Um deles, o José Ramos,  
 Que era subdelegado.

Para punir esse crime  
 Ninguém se apresentou;  
 A justiça do lugar  
 Também não se interessou;  
 Aos bandidos a polícia  
 Parece que auxiliou...

E eu que vi a justiça  
 Mastrar-se de fora à parte,  
 Murmurei com meus botões:  
 — Também hei-de arrumar-te!  
 Não quero código melhor  
 Do que seja o bacamarte.

Eu chamei pela justiça,  
 Esta não me quis escutar,  
 Vali-me do bacamarte,  
 Que me veio auxiliar  
 Nele achei todas as penas  
 Que um código pode encerrar!

No bacamarte eu achei  
 Leis que decidem questão  
 Que fazem melhor processo  
 Do que qualquer escrivão,  
 As balas eram os soldados  
 Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era reta  
 Para qualquer criatura,  
 Sempre prendi os meus réus  
 Em casa muito segura;  
 Pois nunca se viu ninguém  
 Fugir duma sepultura!

No dia cinco de junho  
 Do ano noventa e três,  
 Fiz eu as primeiras mortes  
 Matando dois de uma vez!  
 Manuel Ramos Cabeceira  
 E um tal João Rosa de Azev.

Depois que fiz essas mortes,  
 Fiquei desacomodado;  
 Começaram a perseguir-me;  
 De Ingazeira o delegado,  
 Um tal de Francisco Braz;  
 Matei-o, fiquei vingado.

Então a família Ramos  
 Fugiu para Imaculada,  
 Onde por Delmiro Dantas  
 Foi protegido e guardado,  
 Nunca mais peguei um deles  
 Nem mesmo numa emboscada.

Desde esse tempo que vivo  
 Sofrendo perseguição,  
 Mas com minha atividade  
 Sempre evitei a prisão  
 Vendendo-me, assim, obrigado  
 A fazer-me valentão!

No ano noventa e sete  
 Um meu parente e amigo,  
 O velho Silvino Aires,  
 Dissera-me; — Vem comigo  
 Ao Teixeira, que eu preciso  
 Vingá-lo de um inimigo.

De noventa e sete em junho  
 Nós cercamos o Teixeira;  
 O delegado Dantinho  
 Deu uma boa carreira,  
 Foi isso que o livrou  
 De uma surra ligeira...

Porque meu tio Silvino  
 Desejava castigar  
 Esse delegado afoito  
 Que um dia mandou cercar  
 Sua fazenda, e os móveis  
 De casa mandou quebrar.

Quando nos desenganamos,  
 De não pegar o Dantinho,  
 Voltamos pra o Pajeú,  
 Pra lugar que nos convinha;  
 Dali fomos pra Campina  
 Onde uns parentes eu tinha.

Fomos à vila do Ingá  
Com o Prisco nosso amigo,  
Esse encontrou na estrada  
"Marcela" um seu inimigo,  
Que foi logo assassinado  
Por não fugir do perigo.

Pouco depois desse crime  
Meu tio e Cheme voltou  
Para o Pajeú de Flores  
Onde a polícia o pegou,  
Nosso grupo reuniu-se  
E seu chefe me aclamou.

Ao ver-me chefe do grupo  
Meu nome próprio mudei;  
Então por Manuel Batista  
Nunca mais eu me assinei,  
E foi de Antonio Silvino  
O nome que eu adotei.

A justiça do Ingá  
Processou-me, mas voltei  
A essa vila, e a Praça  
Municipal assaltei,  
E os processos que havia  
Ali, os incendiei.

Em abril de noventa e nove  
Em Canhatinho abracei  
A profissão de marchante.  
Depois, então assentei  
Praça no quartel local  
E três meses políciei.

Com duas horas de luta  
Resolvi retirar-me;  
E disse ao José Augusto:  
— Agora vou me ausentar,  
Prometo-lhe em pouco tempo  
Com o senhor me avistar.

Dias depois, em Matinhas,  
Com o mesmo me encontrei;  
Tinha ele quinze praças  
Com as quais, então lutei!  
Ele prendeu-me, um cabra  
E um soldado baleei.

Bem perto de Gravatá  
De Bezerros, fui cercado  
Por um senhor João Gonçalves  
Que era subdelegado;  
Desse cerco eu me evadi  
Com um braço baleado.

Nessa luta sangüinária  
Dois capangas eu perdi  
Os outros me abandonaram...  
Quando sozinho eu me vi.  
Pra não cair na esporrelo  
Sem perder tempo, fugi...

Em abril de novecentas  
Eu em Cabaças estava;  
E o capitão Zé Augusto  
Que em minha pista andava  
Cercou-me com trinta praças  
Quando eu menos esperava.

Dentro de um engenho velho  
Fiz uma trincheira forte,  
De onde atirei cinco horas...  
Não houve nenhuma morte!  
Dali fugi com os meus  
E procurei outro norte.

Estava eu na guarda local  
Quando um doutor me chamou  
E me disse: — Amigo Antonio,  
Minha esposa me deixou  
E se você for buscá-la  
Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila  
A mulher a quem procuro,  
Na usina de Santos Dias,  
Traga-me, que eu asseguro  
Terás seis contos de réis;  
Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro  
E um grupo que lá juntamos,  
Cercar a usina citada;  
Porém quando lá chegamos,  
Nem o major nem a filha  
Em sua casa encontramos.

Uma macinha da casa  
Talvez por ser imprudente,  
Passou em frente o meu rifle  
Que a feriu inconsciente...  
Lamentei a morte dela  
Por ter marrido inocente.

O capitão Zé Augusto  
Em Fagundes me cercou,  
Com uma tropa que em mim  
Duas horas atirou;  
Prendeu um dos meus capangas  
E dois de bala matou.

Nesse combate matei  
De Zé Augusto um soldado,  
Deixei um sem orelha,  
Um com olho furado,  
Um de cabeça rachada,  
E outro com um pé trilhado.

Durou mais de meio dia  
Esse combate sangrento.  
Ao faltar-me munição  
Deixei o acampamento  
E fiquei de fora olhando  
Do combate o movimento.

Estando eu fora do cerco  
Dei ainda um tiro, que sinto  
Ter ele alvejado apenas  
O alferes Paulino Pinto;  
Ao Angelim não matei  
Porque não vi o distinto.

No tiroteio os soldados  
Seis congaceiros mataram  
E pegaram nove à mão  
Que, também, assassinaram.  
Como se sangra animais  
Eles aos homens sangraram!

Os que puderam fugir  
Desembestaram a correr  
Dizendo: — O diabo é quem espera  
Para sangrado morrer!  
Cada qual mais precavido  
Procurava-se esconder.

O sargento José Lopes,  
Vendo o alferes baleado,  
Ordenou sangrassem os presos,  
Obedecendo-o um soldado  
Não o matei porque o rifle  
Estava descarregado.

Vi matarem todos: nove,  
De um a um, por escala.  
Mataram todos à faca,  
Não quiseram estragar bala,  
Somente Antonio Francisco  
Morreu sem perder a fala!

Em junho do mesmo ano  
Eu estava no Surrão  
Com cinquenta companheiros;  
Tinham muita munição  
E gente para brigar  
Até com um botelhão.

Estávamos todos juntos  
Na casa do José Gato,  
Apenas o Rio Preto  
Estava doente no mato,  
José matou uma rês  
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,  
Estávamos bem acalmados,  
Quando inesperadamente  
Por cento e vinte soldados  
Eu e meus companheiros  
Nos vimos todos cercados!

Eram dois comandantes  
Desse reforço inteiro:  
Alferes Paulino Pinto  
(Da Paraíba o primeiro)  
E o capitão Angelim,  
(De Pernambuco) um guerreiro.

Era uma luta medonha,  
Todo esse povo atirando!  
As balas perto de mim  
Passavam no ar silvando;  
O tiroteio imitava  
Um tabocal se queimando!

A polícia entrincheirou-se  
 Dum riacho na barreira  
 Onde nas fazia fogo;  
 Era uma boa trincheira:  
 Se eu não fosse cuidadoso  
 A tropa não voltava inteira.

Em novecentos e dois  
 Pelo Ingá ia passando  
 Quando encontrei um enxerido  
 Que andava denunciando  
 De mim e meus companheiros:  
 Sem mais nada o fui matando.

A quinze de fevereiro  
 De mil novecentos e três  
 Em Filgueiras, Pernambuco,  
 Vi pela primeira vez  
 A um meu perseguidor;  
 Matei-o com rapidez!!

Esse meu perseguidor  
 Era um subdelegado  
 Francisco Antonio Cabral.  
 Sendo homem precipitado,  
 Vivia me perseguindo,  
 Mas dele estou descansado.

Matei Marcos dos Pinhões  
 No mesmo ano, não estou  
 Lembrado agora em que mês:  
 Ele a mim denunciou,  
 Por isso tirei-lhe a vida  
 Que pouco, aliás, me custou!

Em Aroeiras matei  
 Um pombeiro de primeira  
 Era um tal de Severino  
 Que servia de "chaleira"  
 Fez uma vez a polícia  
 Dor-me uma boa carreira!

Em novecentos e quatro  
 Eu no Mogeiro me achava,  
 O ex-sargento Manuel Paz  
 Nessa ocasião passava;  
 Fiz a ele o que ele a mim  
 Há muito fazer tentava.

Fugi do Surrão. No Estado  
 De Pernambuco encontrei  
 A um dos meus intrigados,  
 A quem eu não perdoei.  
 Era Sebastião Correia:  
 Este com um tiro matei-o.

Na Fazenda Pedreiras,  
 Distrito de Caicã,  
 Estado do Rio Grande,  
 Eu quase que fico só!  
 Lá eu me vi apertado...  
 Qual moleque no cipó...

O Tenente Talentino  
 Nessa fazenda cercou-me  
 Com uma força de polícia  
 Que, peito a peito, atocou-me!  
 Nós trocamos muitas balas  
 Mas ele não me acertou.

Lago com o primeiro tiro  
 Dois sargentos derrubei,  
 Com uma bala certa  
 Ambos de uma vez matei!  
 Depois de dar outros tiros  
 Fora do cerco pulei.

Dessa vez o Talentino  
 Matou-me seis cangaceiros  
 Dentre eles um menino,  
 Que era dos meus companheiros  
 O que tinha mais coragem  
 Seus tiros eram certos.

Talentino perseguiu-me,  
 Porém eu pude fugir  
 Para o Estado do Ceará,  
 Onde pude residir  
 Alguns meses, sem ninguém  
 Onde eu estava, descobrir.

Esse tal Manuel da Paz,  
 Na tempo em que era soldado,  
 Emboscou-me muitas vezes,  
 Fez-me andar bem assustado,  
 Porém eu com um tiro só  
 Matei-o e fiquei vingado.

Em outubro do mesmo ano  
Fui dos meus acompanhado  
Para Vila do Pilar,  
Lá estava encarcerado,  
Um amigo, e pra soltá-lo  
Fui em traje de soldado.

Quando cheguei ao Pilar  
Do quartel me apossai;  
Da munição dos soldados  
Também me apoderei;  
E as chaves da cadeia  
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos  
E amarrei os soldados  
Que encontrei no lugar,  
Deixando-os encarcerados;  
Como eles não se opuseram,  
Não fiz mal aos desgraçados.

Com os soldados na cadeia  
Deixei também o carcereiro;  
Dirigi-me ao delegado;  
Que me deu algum dinheiro;  
Procurou logo imitá-lo.  
Um distinto cavalheiro.

Quando sai de Pilar  
Para o Ceará subi.  
Então no Cariri Novo  
Alguns meses residi,  
Senti que me perseguiram,  
Sem perder tempo fugi...

Com destino a Pernambuco  
Do Ceará regressei;  
De volta, no município  
De Piancó eu passei,  
E na povoação de Bonito  
Numa casa me hospedei.

De ofender os moradores  
Eu não levava intenção,  
Mesmo eu não tinha intrigados  
Naquela povoação  
Mas nada disto livrou-me  
De uma grande traição.

Juntou o subdelegado  
Alguns homens no lugar  
Moradores, e com eles  
Quis dest'arte me cercar;  
Ele estava preparado  
Para a vida me tirar.

E quando eles me cercaram  
Eu não ousei resistir,  
Porque uma bala certa  
Veio a meu rifle partir;  
E eu, vendo-me desarmado,  
Tratei logo de fugir.

Em novecentos e cinco  
Eu meti-me em questão feia.  
A pedido de um amigo  
Dei uma surra de peia  
Em um sobrinho legítimo  
Do Sr. José Gouveia!

Então o José Gouveia,  
Julgando-se desfeitoado,  
Dissera que me matava  
Para o rapaz ser vingado,  
Porque nunca um seu parente  
Tinha de peia apanhado.

Ele não quis perder tempo:  
Logo que pensou assim,  
Foi-se valer da polícia  
Para perseguir a mim,  
Declarando a todo o mundo  
Que havia de me dar fim.

Dirigiu-se à Capital  
Da Paraíba: lá então  
O presidente do Estado  
Nomeou-o capitão  
De polícia, e deu-lhe ordem  
Pra minha perseguição.

Foi também ao Recife  
E a mesma ordem recebeu  
Lá o chefe de polícia  
Soldados lhe ofereceu,  
Passou-lhe uma carta branca  
E armamento lhe deu.

Disseram que ele vinha  
E eu fui então tocaí-lo;  
Perto de Caruaru  
Eu resolvi esperá-lo,  
Porém um grande acidente  
Privou-me de encontrá-lo.

Eram dezoito do mês  
De Dezembro. Eu tinha ido  
Esperar o Zé Gouveia,  
Mas, não estando prevenida,  
Fui feirar em Tropicá,  
Pois queria estar munido.

Eu não fui a Tropicá  
Matar ninguém nem ferir,  
Fui só comprar munição  
Pra melhor me prevenir,  
Julgando que lá ninguém  
Me havia de perseguir.

Estava eu dentro da feira  
Quando um homem perguntou-me:  
— Você é Antonio Silvino?  
E de repente atirou-me!  
Nesse mesmo instante um negro  
Outro tiro disparou-me.

Os tiros não me feriram  
Nem me fizeram pavor  
Eu, na fumaça da pólvora,  
Gritei ao atirador,  
Que era Antonio Nicácio,  
Celeberrimo Inspetor!

— Bandido, segura o tiro,  
Não faz coisas de menino,  
E com Antonio Silvino,  
Repara que estás pegado  
Vamos ver no ferro frio  
Se dás porte de mofino.

Proferi estas palavras  
Já com o meu punhal na mão  
E lancei-me ao Inspetor  
Veloz como um furacão:  
Dei-lhe a primeira facada  
Abaixo do coração.

Ele pulou para trás  
Com a ligeireza do gato  
E gritou: — Estou ferido!  
Quando vi do sangue o jato  
Gritei-lhe: — Cuide na vida  
Porque eu agora o mato!

Travamos renhida luta,  
Então com poucos momentos  
Eu fiz-lhe com meu punhal  
Outras grandes ferimentos;  
Ouvi-lhe dizer: — Morri,  
Sem vencer as meus intentos.

Nisso senti por detrás  
Uma terrível pancada;  
Eu fiquei tonta e tombei  
Por cima da calçada,  
Ergui-me no mesmo instante  
Tendo a cabeça rachada.

Foi a negro que atirou-me  
E que me deu à traição  
Com o rifle, que disparou  
Essa pancada, e então  
Desembestou a correr  
Ligeiro que só um cão.

Recobrei logo os sentidos  
E o traidor procurei,  
Porém não pude encontrá-lo,  
Quase possesso fiquei!  
Nisso meus cobras chegaram  
E eu fazer fogo mandei.

— Atirem nesses diabos!  
Eu gritei à cabroeira;  
Em menos de dez minutos  
Estava acabada a feira.  
O povo tinha corrido...  
E ganhei a copoeira...

E depois que todo o povo  
Tinha desaparecido,  
Uns no mato, outros nas casas,  
Estava tudo escondido;  
Encontrou-se um homem morto  
E um cavalo ferido.

Todas as portas da rua  
Num momento se fecharam,  
Uns naivos que lá estavam  
Ninguém sabe onde esbarraram,  
Num beco um menino morto  
Depois os cabras acharam.

Depois de tudo acabado  
Resolvi-me retirar.  
A rua estava deserta,  
Não tinha com quem brigar;  
Pelo capitão Gouveia;  
Decidi não procurar.

Então com os meus companheiros  
À Paraíba voltei;  
No distrito de Campina  
Um inimigo encontrei,  
A tiros e a punhaladas  
A ele eu assassinei.

Manuel Rodrigues Torres  
Chamava-se esse senhor,  
Que era meu inimigo  
E também perseguidor;  
Fiz a ele o que farei  
A quem me fôr traidor.

Em novecentos e seis,  
A vinte e seis de janeiro,  
Estava eu nos Tatus  
Com o meu grupo inteiro,  
Quando ao capitão Gouveia,  
Dei o combate primeiro.

Gouveia ao cercar-me disse:  
— Silvino, segura o tiro!  
Respondi-lhe: — Seu Gouveia,  
Você hoje perde o giro,  
Pois se não matar-me eu o mato,  
E se ferir-me eu o firo!

Travamos um tiroteio  
Que durou quase uma hora,  
Então Gouveia bradava:  
— Ou você se entrega ou morre,  
Antonio Silvino, agora  
Ou esmorece ou vai embora.

Respondi-lhe: — Não me entrego,  
Nem morro, nem esmoreço,  
É certo que vou embora,  
Para outra vez me ofereço;  
Lembre-se sempre de mim,  
Que de você não me esqueço.

Dito, isto, os cabras dele  
De mim se aproximaram,  
Eu dei a última descarga  
E ouvi dizer — Me mataram!!!  
E outro gritar: — Me acudam,  
Que os cabras me balearam!

Receei que a munição  
Fôsse logo acabar;  
E disse aos meus companheiros  
— Devemo-nos retirar;  
Desinteiramos a tropa  
Não temos por quem esperar.

No Estado da Paraíba  
Com um correio me encontrei;  
Das malas que ele trazia  
Eu logo me apoderei:  
Então tomei testemunhas  
E as malas todas queimei.

E dei ao correio as coisas  
Que a ele pertenciam;  
Queimei as malas porque  
Julguei que elas traziam  
Dinheiro ou instruções...  
Para os que me perseguiam.

E depois que eu tomei  
As malas desse correio,  
O governo entendeu  
Que esse era um ato feio;  
E então em minha pista  
Uma grande escolta veio.

A companhia inglesa,  
Em construção de uma linha  
Atravessou uma terra  
De propriedade minha,  
Procurei pra dizer-lhe  
Que isso não me convinha.

Foi, a sete de setembro,  
De novecentos e seis,  
Ao povoado Mogeiro;  
Destinei-me dessa vez  
A cortar o fio aéreo  
E pegar algum inglês.

O fio do telegrama  
Logo ao chegar eu cortei,  
E uma pilha de madeira  
Na linha férrea eu deitei;  
Foi graças a essa astúcia  
Que um trem de lastro esbarrei.

Ao senhor Chico de Sá,  
Que era um dos passageiros,  
Dirigi-me, por saber  
Ser ele dos empreiteiros:  
E ele me deu cem mil réis  
Pra mim e meus companheiros.

Eu disse ao Chico de Sá:  
— Eu venho aqui lhe avisar  
Que esta terra me pertence  
É pra o trem nela passar  
É preciso a companhia  
Primeiro me indenizar.

São trinta contos de réis  
Que a mim terá que pagar  
A companhia inglesa:  
Do contrário hei de arrancar  
Os trilhos, e por aqui  
O trem não há-de passar!

Então o Chico de Sá  
Prometeu-me que daria  
O meu recado aos ingleses  
Gerentes da companhia,  
Para que eles mandassem  
A exigida quantia.

Ao governo federal  
A companhia inglesa,  
Mandou pedir garantias;  
Ele, com toda presteza,  
Mandou vir um contingente  
Da companhia em defesa.

Do batalhão Vinte e Sete  
Noventa e quatro soldados  
Vieram em meu alcance,  
Sendo estes comandados  
Por quatro oficiais  
Homens já experimentados.

Do segundo batalhão  
Quarenta praças valentes  
Vieram-me perseguir,  
Guiados por dois tenentes;  
Na cidade de Campina  
Juntaram-se os contingentes.

Então o capitão Formel  
Dividiu em diligências  
As forças que comandava,  
Tomando mil providências,  
Garantindo não falharem  
As suas experiências.

Resolvi deixar o plano  
De embarçar a linha  
De ferro, porque essa força  
Disposta a matar-me vinha;  
Então a vinte de novembro  
Entre em Alagoinha.

Na vila de Alagoinha,  
A todos os negociantes  
No momento em que cheguei  
Sem demora coletei;  
Procurador do Governo  
Desde então me intitulei.

No dia dois de dezembro  
Do ano já referido  
Entre na Alagoa-Nova,  
Sendô ali bem acolhido;  
Coletei todo o comércio  
E em tudo fui atendido.

No momento em que eu entrei  
No quartel policial,  
Dentro da Alagoa-Nova  
E ao telégrafo cerquei,  
Dos soldados que lá havia  
Até a roupa tomei!

Recebi todos os impostos,  
Fiz muito bom apurado  
E depois telegrafei  
Ao presidente do Estado,  
Dizendo-lhe que ao comércio  
Eu já havia coletado.

Em seguida retirei-me  
Logo que fiz a cobrança  
Contra mim ninguém se opôs,  
(Nunca vi gente tão mansa)  
E entrei no dia seguinte  
No povoado Esperança.

No povoado Esperança  
Dois macacos eu preendi,  
Como eles não se opusessem,  
Soltei-os, não os ofendi;  
Então dos negociantes  
Os impostos recebi.

De Esperança dirigi-me  
À vila de Soledade,  
Aí, de José do Couto,  
Com quem tinha inimizade,  
Cerquei a casa, mas este  
Fugiu, com sagacidade!

Na Vila de Soledade  
Recebi pouco dinheiro,  
Fugi dali e no distrito  
De Caruaru, em janeiro,  
De novecentos e sete  
Persegui um fazendeiro.

Coronel Manuel Emídio,  
Que era sub-prefeito,  
E o dono da fazenda  
Que eu cerquei sem proveito  
Por não encontrá-lo em casa;  
Porém fiz tudo a meu jeito.

Logo ao chegar na fazenda  
Alguns animais matei,  
E os dois paiôs de algodão  
Em seguida incendiei;  
Então pelo coronel  
Emídio não esperei.

Perto de Taquaritinga,  
Num pequeno povoado  
A quem chamam Salgadinho,  
No mês acima falado  
Entreí, e logo o comércio  
Fui deixando coletado.

E no dia vinte e seis  
Do mesmo mês de janeiro,  
À barra de S. Miguel  
Fui com meu grupo inteiro  
Ali uma boa surra  
Eu dei num alcoviteiro.

Quatro peças que lá estavam  
Em cerculas as deixei;  
Então da mesa de rendas  
Eu logo me apoderei;  
O dinheiro que lá havia  
Para o meu bolso passei.

Incendiei os papéis  
Todos da arrecadação,  
Deixei nus os empregados!  
Conduzi a munição  
Dos soldados e os deixei  
Sem furda, "comblaim" e facão.

Em o lugar Serra Verde,  
Município de Umbuzeiro,  
Eu encontrei dois "macacos"  
A oito de fevereiro,  
Com dois tiros lhes provei.  
Que sou muito escopeteiro.

A vinte e oito do mês  
De fevereiro eu voltei  
Para a Vila do Pilar;  
Ali o quartel cerquei  
E então preendi os soldados  
E as armas lhes tomei.

Fui ver depois a prisão  
E soltei cinco coitados  
Que nessa imunda cadeia  
Estavam encarcerados  
E alguns desses já prenderam  
Por serem bem descuidados.

Depois de soltar os presos  
Tomei a direção  
Da casa de residência  
Do doutor Napoleão,  
Porém não o achei em casa  
Nessa má ocasião.

Da mulher do comendador  
A senhora D. Inês,  
Pude tomar quase à força  
Seis magros contos de réis  
E se em casa houvesse mais  
Eu tomava dessa vez.

Então dirigi-me à loja  
Do mesmo Napoleão,  
Lá quatro contos de réis  
Na gaveta do balcão  
Encontrei, e vi que a mim  
Tocava aquele quinhão...

À municipalidade  
Pertencia esse dinheiro,  
Porém eu que do governo  
Sou o principal herdeiro,  
Apossei-me desse cobre  
E em guardá-lo fui ligeiro!

Quando da loja sai.  
Eu fui à coletoria,  
Ali deu-me o coletor  
O cobre que em cofre havia:  
Sendo este do governo,  
A mim também pertencia.

Visitei todo o comércio,  
Fiz muito bom apurado,  
E vi que de muito povo  
Eu me achava acompanhada  
Alguns pediam-me esmolas;  
Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis  
Com os pobres distribuí  
Não serve isto pra minh'alma  
Porque esta eu já perdi;  
Mas serve pra os miseráveis  
Que estavam nus e eu os vesti.

Um oficial de justiça  
Escreveu, por mim ditado,  
Um pequeno telegrama  
Ao presidente do Estado:  
Já vê que a um homem assim  
Não se usa mandar recado.

No telegrama eu lhe disse  
Que abandonava a questão  
Da companhia inglesa,  
E depois pedi-lhe, então,  
Que ele a força federal  
Retirasse do sertão.

Retirei-me de Pilar,  
Às onze horas da noite  
Sem que se dessem conflitos,  
Não achei com quem brigar,  
Conseguindo pôr-me ao fresco  
Sem ninguém me incomodar.

Em dias do mês de abril,  
Na vila de Cabaceiras  
Ataquei um fazendeiro;  
Porém com boas maneiras,  
Seis contos de réis passei  
Para as minhas algibeiras...

No dia quatro de maio,  
Em o lugar Cachoeira  
De Caruaru, matei  
Pedro e Antonio Ferreira,  
E na povoação Mandaçaia  
Fiz um ataque de primeiro.

Veio o capitão Narciso  
--- Homem que honra o seu galão ---  
Com cem praças escolhidos  
Do quatorze batalhão  
Aliado ao Vinte e Sete,  
Perseguir-me no sertão.

No dia treze de maio,  
Em Bocandó eu estava,  
Quando a força do Exército  
Que em minha pista marchava,  
Deu-me alguns tiros, julgando  
Que dessa vez me matava.

Sai de Bocondó  
Até não muito apressado . . .  
Então um soldado disse  
Que eu saíra baleado;  
Porém ele se enganou,  
Pois seu tiro foi errado!

Provar que não fui ferido  
Dois dias depois eu quis,  
E na povoação de Queimadas,  
Onde sempre fui feliz,  
Eu prendi o delegado,  
Um tal de Antonio Muniz.

Preso estando o delegado  
Eu prendi o seu suplente  
E também um inspetor  
Que ali se achava presente;  
Nenhum se opôs à prisão  
Nem se meteu a valente.

Guiado pelos três presos  
Que me deram um dinheirinho,  
Fui à casa do usurário  
Senhor Demétrio Coutinho.  
Quinhentos mil réis deu-me ele  
Dizendo: — Fico "lisinho"!

No dia trinta de maio  
Com um comboio me encontrei  
No Estado de Pernambuco;  
Logo as cargas embarquei,  
E no lugar de Rio Grande  
As mesmas incendiei.

Ao major Lucas Donato,  
Protetor de um intrigado  
Meu, pertencia o comboio  
Que foi por mim incendiado;  
Julguei que para o Bonito  
Fosse o comboio levado.

Aos matutos do comboio  
Prejuízos eu não dei;  
E o tal Lucas Donato,  
Dizer por eles mandei  
Que o frete lhe pagasse  
Das cargas que eu queimei.

O alferes Zé Caetano,  
Com mais de trinta soldados,  
Me atacava bem perto;  
Mas eu, com os meus apressados,  
Seguimos outro caminho  
E fomos para Afogados.

Quando cheguei em Afogados  
Procurei logo avisar  
A toda minha família,  
Para esta dali se mudar,  
Porque os meus perseguidores  
Queriam-na exterminar!

De setembro em dezanove,  
E em Maria de Melo  
Cerquei a mesa de rendas,  
E sem que houvesse duelo,  
Trezentos mil réis do chefe  
Tomei sem fazer opelo.

Prendi e desarmeí quatro  
Soldados que nesse dia  
Estavam lá. O dinheiro  
Que levei, me pertencia . . .  
Dei ao chefe a porcentagem  
Que o governa lhe devia.

Com a companhia inglesa  
Fiz uma acomodação:  
Deu-me ela quinze contos  
Abandonei a questão  
E o contingente do Exército . . .  
Se retirou do sertão.

De novecentos e sete  
Em maio, no Coriri,  
Estava numa fazenda  
Quando cercado me vi!  
E nesse cerco eu, um cabra  
De confiança perdi.

Era o Zacarias Neves  
Quem a força comandava,  
E enquanto a tropa a fazenda  
Por diante e por trás cercava,  
Eu com o dono da casa  
Descuidada conversava . . .

Quando eles romperam fogo  
Saltamos para o terreiro;  
Então nos primeiros tiros  
Eu vi um meu companheiro  
Cair criado de balas;  
Era o Sebastião Bicheiro.

No froteio uma bala  
Arrancou-me a cartucheira;  
Conheci logo que a tropa  
Ocupava uma trincheira;  
Então fugi com os meus...  
E a tropa voltou inteira.

Na Fazenda Muribeca,  
Duas surras mandei dar,  
Em dois cabras da fazenda  
Que se quiseram armar  
Contra os meus companheiros,  
Que os souberam castigar.

Em dias do mês de julho,  
Eu passei em Gameleira,  
Que fica perto do Ingá.  
Como ia na quebradeira,  
O senhor Zuza da Mota  
Encheu a minha algibeira...

A onze do mesmo mês  
Eu em Mochado passei,  
E do Sr. Manuel João  
Um conto de réis tomei;  
E na Vila Natuba  
Dois contos arrecadei.

Matei um filho de Marcos,  
Que morava nos Pinhões,  
No princípio de setembro;  
Quis ele formar questões  
Comigo, porém passei-lhe  
De minh'arte umas lições.

A vinte e oito de setembro,  
Em S. José dos Cardeiros,  
Eu entrei com o meu grupo  
Composto de seis guerreiros;  
E ali de um velho usurário  
Nós fomos os dizimeiros.

O velho Vicente Magro  
Em S. José habitava,  
Dirigi-me à casa dele  
Dizendo-lhe que precisava  
De umas moedas de ouro  
Que ele enterrada guardava.

O velho, que era usurário,  
Disse que não conservava  
Esse dinheiro enterrado;  
Mas eu lhe disse onde estava  
E acrescentei que se ele  
Não m'o desse, eu o matava.

O velho, atemorizado,  
Arrancou essas moedas  
Que estavam enterradas  
Debaixo de umas pedras.  
Mas, para m'as entregar,  
Levou primeiro umas quedas.

Chegaram então dois rapazes  
Que eram do velho parentes  
E contra mim os dois tolos  
Meteram-se a valentes...  
Vi-me obrigado a matar  
Um desses dois inocentes...

Um, eu matei a punhal,  
O outro, menos caipora  
Comprou veado e fugiu  
Danado de porta à fora  
Dei-lhe um tiro pra espantá-lo  
E deixei-o ir embora.

De novecentos e nove  
Estive, a dois de fevereiro,  
Bem perto de Serraria,  
Em casa de um fazendeiro  
De nome Alfredo Chianca,  
Homem valente e guerreiro!

Então Alfredo Chianca  
Vinte vezes me atirou  
E acabando a munição,  
Da casa a porta trancou;  
Arrombei-lhe uma janela  
E ele a mim se entregou.

Não ofendi ao Chianca  
 Porque eu me admirei  
 Da sua grande coragem;  
 Quando em sua casa entrei,  
 Dei-lhe um abraço apertado,  
 E amigo dele fiquei!

No dia vinte passei  
 Na povoação Cachoeira,  
 Que alguém chama de Cebola;  
 Não era um dia de feira,  
 Mas lá uns negociantes  
 Encheram minha algibeira.

Então, de João Farias  
 Eu a casa incendiei,  
 Em Clementino de tal  
 Uma boa surra dei,  
 De Manuel Barba e Juvência  
 Algum dinheiro tomei.

No dia seguinte eu estava  
 Descansando em Malhadinha  
 Quando me alcançou uma tropa  
 Que em minha pista vinha;  
 Então, com os meus companheiros,  
 Fugí, porque me convinha.

Eram o José do Cauto  
 E mais o alferes Maurício  
 Os comandantes da tropa,  
 Que, obrigou-me ao sacrifício,  
 De dar comprida carreira  
 Pra fugir ao precipício...

A tropa não nos cercou  
 Mas muitas tiros nos deu  
 Mandei dar quatro descargas  
 E fugi com o povo meu;  
 Da casa onde estava, o dono,  
 No tiroteio morreu.

Era o Velho João Martins:  
 Eu não vi a sua morte,  
 Porque já havia fugido  
 E procurando outro norte  
 Quando os soldados lhes deram  
 Para o céu um passaporte.

Deixei em Pedra Lavrada  
 Para essa tropa um aviso,  
 Dizendo que a esperava  
 E que era preciso  
 Levarem algumas mortaihas  
 Que eu lhe daria prejuízo!

A treze de abril estive  
 Na barra de Santa Rosa;  
 Ali quinhentos mil réis  
 Me deu o Manuel Feitosa;  
 Soma igual o Manuel Bezerra  
 Me deu com cara chorosa...

Então tomei de um soldado  
 As armas e a cartucheira;  
 E depois disse aos matutos  
 Que se encontravam na feira,  
 Que ali não pagassem mais  
 O imposto de barreira.

No dia treze de julho  
 Eu em Fogundes cheguei  
 Lá um negro e uma negra  
 Com duas surras matei  
 Eles a mim foram falsos  
 E eu nunca lhes perdoei.

No princípio de janeiro  
 De novecentos e dez  
 Tomei do coronel Lula  
 Dois magros contos de réis;  
 Nada fiz em fevereiro  
 Em março espalhei os pés...

A cinco do dito mês  
 Eu botei uma emboscada  
 No alferes Joaquim Henriques  
 Perto de Pedra Lavrada  
 Ele vinha com a tropa  
 E meteu-se na cilada.

A cinco do mês de março  
 Em Araçá eu cheguei  
 E com o chefe da estação,  
 Mui calmamente almocei  
 Ali do Sr. José Pedro  
 Quinhentos mil réis tomei.

Fui a dez do mês de abril  
 Visitar meu inimigo  
 Um tal Manuel Tavares;  
 Queria dar-lhe um castigo,  
 Mas ele fugiu ao ver-me,  
 Não quis se entender comigo.

Residia em Pocinhos,  
 Esse que fui visitar;  
 Só encontrei sua esposa,  
 Por quem mandei avisar  
 Que só lhe dava três dias  
 Pra ele dali se mudar.

A quem disse: — Eu preciso  
 Hoje de muito dinheiro;  
 Depois de a Manuel Tavares  
 Eu ter dado um prejuízo,  
 Ataquei Francisco Afonso,  
 Pretendi deixá-lo "liso"!

O velho Francisco Afonso,  
 Que é "caipira" verdadeiro,  
 Me disse: — Eu não tenho um réis  
 E eu lhe disse: — O cavalheiro  
 Pagará com uma surra...  
 Nisto, ele deu-me o dinheiro.

Então no dia seguinte  
 Quando eu deixei esses lares,  
 Ao arame telegráfico  
 Cortei em cinco lugares:  
 Fiz na linha o que não pude  
 Fazer com Manuel Tavares!

Meia légua mais ou menos  
 Distante do povoado  
 De nome Pedra Lovrada,  
 De serras num apertado  
 Com meu povo entrincheirei-me  
 Estando bem municiado.

Erão dez horas do dia  
 Quando eu a tropa avistei;  
 No alferes Joaquim Henriques  
 O primeiro tiro dei,  
 E por não querer matá-lo  
 Apenas o baleei.

Nisto, meu grupo que estava  
 Comigo, entrincheirado,  
 Também atirou na tropa;  
 Feriu uma bola um soldado,  
 Não o matou mas deixou-o  
 Pra toda a vida aleijado!

Um cabo também saiu  
 Com a perna bateada;  
 Deu-nos a tropa alguns tiros,  
 Porém ao ver-se cercada  
 Fez como eu já tenho feito:  
 Deu uma carreira danada...

Joaquim Henriques, os feridos  
 Para Campina levou;  
 Mas o alferes Maurício  
 Que com ele se encontrou,  
 Prosseguiu na minha pista...  
 Com três dias me alcançou.

Com uma légua de distancia  
 Da povoação Periquito,  
 Encontrei-me com Maurício  
 Em um lugar esquisito;  
 Dessa vez não me pegaram  
 Porque sou muito perito!

A tropa estava escondida  
 Dentro do mato, almoçando,  
 Quando eu vinha distraído;  
 Com dois homens conversando;  
 Pegaram a meter-me "duchas"  
 E quase me iam matando!

Nem ao menos tive tempo  
 De um tiro só disparar,  
 Pois se eu perdesse um minuto  
 Não me podia salvar,  
 E por não ir prevenido  
 Resolvi-me retirar...

Foi a dezaita de abril  
 Que eu estava no Juô,  
 Fazenda pouco distante  
 Da vila de Taperoá,  
 Quando um correio caipora:  
 Ia passando por lá.

Era ele o João Domingos,  
De três malas portador;  
Tomei-lhe as malas e abri-as,  
Achei cartas com valor  
Em dinheiro, e deste eu fiz-me  
No mesmo instante senhor!

Alguém ainda pediu-me  
Pra as cartas eu não romper,  
Porém, a esses pedidos  
Resolvi não atender,  
Pra não perder o ensejo  
De ao governo ofender.

Eu sei que governo paga  
Qualquer quantia avultada  
Que o agente ou estafeta,  
Deixa ser extraviciada,  
Por isso a correspondencia  
Fôra por mim violada.

Não ofendi ao correio  
É um simples empregado  
Por ele não merecer,  
Que cumpre com o seu dever,  
É mesmo, a quem não me ofender  
Eu não gosto de ofender.

Abri as malas somente  
Pra do governo vingar-me,  
E também pra, do dinheiro  
Que eu encontrasse, apossar-me;  
Cento e quarenta mil réis  
Fol só o que pôde tocar-me.

Nas Zonas do Coriri  
Demorei-me um mês inteiro;  
A vinte e sete de maio,  
Maurício, o audaz guerreiro  
Acho-me a pista e buscou-me  
Como quem busca dinheiro!

A força que comandava,  
O alferes dividiu  
Em dois grupos de oito homens;  
A uma tropa guiava  
O sargento Zé do Couto;  
A outra ele comandava.

Dos soldados do alferes  
Um era rastejador,  
E pôs-se a seguir-me a pista  
Qual perito caçador,  
Só não me alcançaram cedo  
Porque sou muito animador...

A vila de Soledade  
Eu segui em direção;  
Toda essa tarde seguiu-me  
A tropa em perseguição,  
Perderam-se à noite a pista  
Devido à escuridão.

Debaixo de um umbuzeiro  
A tropa se aquartelou,  
E ali toda essa noite  
Ela acordada passou;  
Que eu estava muito perto  
O alferes não suspeitou.

Quando a luz da madrugada  
Principiava a raiar  
Aproximei-me da tropa,  
Pude a observar  
Mas eu nessa ocasião  
Não quis a ela enfrentar.

Então com os meus companheiros,  
Ligeiros como quem voa,  
Famos esperar a tropa  
Adiante numa lagoa;  
De uma cerca de pedra  
Fizemos trincheira boa.

Eram oito horas do dia  
Quando eu na trincheira entrei;  
A tropa demorou pouco...  
O primeiro que avistei  
Em frente à boca do rifle,  
Com um tiro o derrubei.

Era ele o tal soldado  
Que me ia rastejando;  
Caiu sem dar mais um passo!  
E os outros recuando...  
Nesse momento os meus cabras  
Foram os rifles disparando.

Ouvi fazer um soldado  
A Maurício este convite:  
— Alferes, atire logo  
Em Silvino a dinamite!  
Eu aos meus disse: — Fugamos,  
E ninguém se precipite!

Devido ao troar dos tiros  
Meu pessoal não me ouviu.  
O fogo estava cerrado...  
O alferes investiu:  
Atirei-lhe na cabeça  
E ela por terra caiu.

O alferes só teve tempo  
De três tiros disparar,  
A bomba de dinamite  
Não me conseguiu atirar,  
Porque eu matei-o logo  
Antes dele me matar.

Um soldado ainda gritava:  
Atirem logo essa bomba!  
Corri e gritei aos meus:  
— Corram que o diabo é quem  
zomba  
Da terrível dinamite,  
Que onde bate tudo tomba.

Seis minutos mais ou menos  
Depois que os tiros cessaram  
Dois soldados corajosos  
Do alferes se aproximaram;  
Do dinheiro que ele conduzia  
Então logo se apossaram.

Voltei ao campo da luta  
Para ver quantos morreram,  
As praças que lá estavam,  
Quando me viram correram  
Com tanta velocidade  
Creio que até se perderam.

Atirei-lhe ainda de longe  
E creio que a um baleei,  
Mas deixei-o ir embora,  
Dos mortos me aproximei  
E da bomba envenenada  
Logo ali me apoderei.

A bomba, essa eu guardei  
Os papéis que encontrei,  
Como se fôsem do governo  
Incendiá-los mandei,  
E sem encomendar outros,  
Da Barra me retirei.

Também estive em Serrinha  
Onde ordenei a um soldado  
Que o imposto de barreira  
Por ele ali arrecadado,  
Fosse só pela metade  
Aos sertanejos cobrados.

No ano mil e novecentos  
E onze, ainda brigado  
Não tinha eu uma só vez,  
Quando em abril fui cercado  
Pelo alferes Ramalho,  
Que me deu algum cuidado.

Foi no lugar S. Mamede  
Que esse encontro se deu;  
Alguns jornais afirmaram  
Que o meu grupo correu...  
Foi erro; vou aos leitores  
Contar o que aconteceu.

O alferes José Ramalho  
Julgou que eu era pixoto,  
Atirou-me entrincheirado  
Porém deu errado o bote,  
Porque eu não sou arara:  
Me entrincheirei num serrote.

Ele atirou-me de longe  
E um tiroteio cerramos,  
Que durou mais de uma hora,  
Até que ambos esgotamos  
Toda a nossa munição,  
E depois nos acalmamos.

Depois que a luta cessou  
Esperei o resultado  
Que ficou por isso mesmo:  
A força tinha arribado,  
Notei então que um dos meus  
Tinha sido baleado.

Fui em junho a Maranguape  
Aonde fui bem aceita;  
Ali hospedei-me então  
Na fazenda do prefeito;  
Este deu-me um tratamento  
Que me deixou satisfeito.

Pedi-me muito o prefeito  
Para eu não ir à cidade;  
Atendi o seu pedido  
De muita boa vontade,  
Pois com pessoas dali  
Eu não tinha inimizade.

Então aos negociantes  
Mandei logo um mensageiro  
Com cartas minhas, pedindo  
A todos algum dinheiro;  
Mandaram-me o rico arame  
Ninguém se fez de estradeiro.

A dezenove de julho,  
Por ter dela precisão,  
Então os meus companheiros  
Nessa mesma ocasião,  
Carregaram dos dois mortos  
Fardos, rifles e munição.

Ao ver que já tinha morto  
Meu maior perseguidor,  
Senti o meu coração  
Possuído de rancor,  
Por ter dado a morte a um homem  
Que me metia pavor!

De esmagar o cadáver  
Senti um desejo insano!  
E covarde e friamente  
Executei esse plano  
Porque o meu coração  
Não tem mais nada de humano!

Com uma pedrada deixei-lhe  
A cabeça esfacelada  
Depois mandei cada um  
Dos meus dar-lhe uma facada,  
Fiz tudo isso e não senti  
A minh'alma perturbada.

Sei que minh'alma já está  
Muito negra e ampedernida,  
Porque cento e uma vez  
Tenho-me feito homicida  
O crime hoje é a coisa  
Mais comum da minha vida.

Se eu não matasse Maurício  
Creio que ele me matava;  
Pois era o oficial  
De quem mais receava,  
A bomba que ele trazia  
Era o que mais me assombrava.

Eu o fio do telégrafo  
Na mesma dia cortei  
Em dez ou doze lugares;  
Depois avisar mandei  
A polícia de Campina  
E com os meus me ocultei...

Fui em setembro de mil  
E novecentos e dez  
À barra de S. Miguel  
E lá espalhei os pés;  
Matei, pedi e tomei  
Quase três contos de réis.

Lá dois soldados quiseram  
Comigo se arreliar,  
Porém eu matei um deles  
E no outro mandei dar  
Uma surra, e, no meu grupo  
Fi-lo à força bruta entrar...

Então guiado por ele  
Eu fui à Mesa de Rendas;  
O dinheiro que achei lá  
Mal deu para as encomendas;  
Eu embolsei-o dizendo:  
— Este é pras minhas merendas.

Na Mesa de Rendas todos  
Bem perto de Soledade,  
Eu consenti o meus cabras  
Fazerem perversidade  
Com a família dos Couto,  
Com quem tenho inimizade.

Num irmão do Zé do Couto  
 Dar uma surra mandei,  
 E o compadre João de Banda  
 Dar na mãe dele deixei,  
 Do velho Couto um paiol  
 De algodão incendiei.

Foi esta a primeira vez  
 Que consentir espancar  
 Uma mulher, pois na velha  
 É que o compadre ia dar;  
 Não o achou, deu na velha  
 Pra a viagem aproveitar.

Então ordenei à velha  
 Que com o marido repartisse  
 As pancadas que levou,  
 E ao Zé do Couto pedisse  
 Pra ele ir criar seus filhos  
 E comigo não bulisse.

No dia nove de agosto  
 Assisti a um casamento  
 Perto de Taperoá,  
 Com grande contentamento  
 Participei do banquete  
 E de todo o divertimento...

A um padre que estava lá  
 Assisti de confissão!  
 Dispensei-o de rezar  
 O ato de contrição;  
 Limitou-se a responder-me  
 O que lhe perguntei então.

Depois que o absolvi  
 Ordenei-lhe que guardasse  
 Para mim algum arame;  
 Para quando eu precisasse,  
 Disse ele que ao meu dispor  
 Estava, se eu o ocupasse.

Saí então da fazenda  
 De Jocelino Vilar,  
 E logo no dia seguinte  
 Eu consegui me encontrar  
 Com meu primo Antonio Godô,  
 E juntos fomos andar...

Na dia doze estivemos  
 Na Passagem; lá cortei  
 O arame telegráfico,  
 Pois com este me intriguei,  
 Porque ele é mexeriqueiro  
 Com prazer o estraguei.

Estive também a passeio  
 Em São João do Sabugi,  
 Conceição do Azevedo,  
 Currais Novos e Araci;  
 Fiz por lá boas colheitas  
 E voltei pro Cariri.

Em Conceição do Azevedo  
 A música me visitou,  
 Dinheiro, buquês e baile  
 O povo lá me ofertou;  
 E ainda há gente que diga  
 Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de agosto,  
 Da Viração muito perto,  
 O alferes João Facundo  
 Num lugar pouco deserto  
 Emboscou-me, porém eu  
 Fui mais do que ele esperto!

Eu vi a tropa emboscada  
 Então desviei-me dela,  
 E num baqueirão da serro  
 Tocar-a com cautela;  
 Voltou a tropa e mais tarde  
 Caiu na minha esparrela.

Quando a força se aproximou  
 Nove tiros lhe enviei,  
 E nesse mesmo momento  
 Ao alferes então gritei:  
 — Se não correr, comandante,  
 Sua tropa arrasarei!

Quis o alferes resistir-nos,  
 Porém viu logo ali feridos  
 Caírem quatro soldados;  
 Todos soltando gemidos  
 Diziam: — Se não correremos,  
 Matam-nos esses bandidos!

A tropa ainda me atirou  
 Mas pôs-se logo a fugir;  
 Eu também não esperei  
 Que outra pudesse vir,  
 E pus-me ao fresco; os feridos  
 Resolvi não perseguir...

Na noite do mesmo dia  
 Encontrei um conhecido  
 Que me procurou abraçar;  
 Mas eu me fiz distraído,  
 E dei-lhe tão grande tapa  
 Que o deixei no chão caído!

Poucos dias depois disto  
 Com a polícia me encontrei;  
 Trocamos ainda alguns tiros  
 Mas eu a ninguém matei,  
 E tendo enganado a tropa  
 Pra longe me retirei.

Em novembro, em Macapá,  
 Fui visitar Manuel Belo,  
 Mas como não encontrei  
 Para entrarmos em duelo,  
 Deixei-lhe a casa queimada  
 E a mobiliário em farelo.

Ao chegar em Macapá  
 Só o genro dele achei;  
 Deu-me este a chave do cofre,  
 E o que dentro encontrei  
 Foi uns dez contos de réis  
 Desses, então me apossai.

O Manuel Belo movia  
 Contra mim perseguição...  
 Por isso queimei-lhe a loja  
 E um vapor de algodão;  
 Dei-lhe mais um recado:  
 Que não esperasse perdão!

Dias depois eu estive  
 Na povoação de Serrinha,  
 Passei na Vila Pilar,  
 Onde a terra é quase minha,  
 E depois fui ocultar-me  
 Em lugar que me convinha...

De novecentos e doze  
 Em maio, no alto sertão,  
 No lugar Riacho Seco  
 Eu tive o ensejo então  
 De encontrar meu inimigo  
 O negro Antonio Carão.

Esse negro a um meu parente  
 Havia assassinado  
 Simplesmente pra roubar  
 E por ser meu intrigado  
 Matei-o à bala e por mim  
 Foi seu corpo queimado!

Dei-lhe dois tiros deixando-o  
 Muito ferido no chão  
 Fiz por cima do seu corpo  
 Uma coivara, e então  
 Ateei fogo e deixei-o  
 Virado em cinza e carvão.

No dia sete de junho  
 Em Santa Luiza entrei  
 E então dos negociantes  
 Uns trinta contos levei  
 E no capitão Aristides  
 Uma grande surra dei!

Há uns dez anos jurei  
 De Aristides me vingar,  
 Porque dois cabras meus foram  
 À polícia se entregar,  
 E ele os mandou na cadeia  
 De fome e sede matar.

Prometi dar-lhe uma surra  
 E a promessa cumpri,  
 E então a sua família  
 Dessa vez eu persegui  
 De alguns levei dinheiro,  
 De outros os bens destruí.

Fui à vila de Afogados  
 De Ingazeira, onde nasci,  
 E uns nove contos de réis  
 Naquela vila colhi!  
 Mas o Desidério Ramos  
 Por caiporismo não vi.

Parei perto de Monteiro,  
Estive na povoação  
De Jabotá e, em Queimadas  
Fiz boa arrecadação;  
De Santa Cruz uns dois contos  
De réis, consegui então.

A quinze do mês de julho  
Eu fui à Santa Maria,  
E os moradores de lá  
Julgando que eu corria,  
Deram-me uns tiros, mas eu  
Reagi como devia.

Com poucas horas de fuga  
Os cabras esmoreceram  
Acabaram o tiroteio  
E para o mata correram...  
Eu tomei conta da rua  
E todos ali sofreram!

Incendiei quatro casas  
E dei de peia o valor!  
Deixei diversas feridas,  
Só não fiz nenhum morrer  
Porque eles correram logo,  
E quem corre quer viver...

Fui ao Engenho Filgueiras  
Do major João Florentino;  
Ele outrora perseguiu-me  
E eu fui dar-lhe um ensino,  
Pra ele saber que só Deus  
Matará Antonio Silvino.

Cerquei-lhe a casa, mas ele  
Quis se meter a guerreiro  
Brigamos mais dum hora,  
Matou-me ele um cangaceiro,  
Matei-lhe outro e ele ferido  
Foi para o Limoeiro.

Logo que o major fugiu,  
Do engenho me apossei,  
Recolhi todo o dinheiro  
Depois as casas queimei:  
Cinquenta contos de réis  
De prejuízo lhe dei.

Paguei a um camarada  
Para o meu cabra enterrar,  
E voltei à Paraíba  
Perto da Vila Pilar,  
Demorei-me, decidido  
A alguns dias descansar.

As malas de um correio  
Perto de Patos tomei,  
E toda a correspondência  
Que ele trazia, queimei;  
Foi essa a terceira vez  
Que esse crime pratiquei.

Das Espinharas, da Serra  
Das Preácas eu estava  
Em uma fuma, era noite  
Ali, adormecido eu sonhava  
Que o espírito de Mauricio  
De surpresa me atacava.

Dizia-me: — Silvino,  
Prepara-te para lutar,  
O que fizeste comigo,  
Agora me vais pagar;  
Visto os vivos não quererem  
A minha sorte vingar.

Ergui-me sobressaltado  
E um tiro disparei  
Contra o fantasma e, então  
Muito ligeira acordei;  
Ouvindo um grande rugido  
Quase assombrado fiquei.

Esse rugido abalou  
Até o mais fundo recôndito  
Da fuma; a serra tremeu  
Desde o cimo até o tronco;  
Percebi rapidamente  
Que de uma onça era o ronca!!

Então atirei na fera  
Que sobre mim se lançou  
E deu um tapa no rifle  
Que distante o atirou,  
E ouvindo o estampido  
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para trás  
E da pistola puxei,  
Porém no mesmo momento  
Que um tiro lhe disparei,  
Deu ela na arma outro tapa,  
E desarmado me achei!

Felizmente nessa gruta  
Entrava a luz do luar  
E o solo era espongoso...  
Continuei a pular  
Me desviando da fera  
Que me tentava agarrar!

Num desses saltos eu pude  
Puxar da cinta o punhal,  
E apertei-o na mão  
Com uma ira infernal,  
Dizendo: Se eu não <sup>quiser</sup> morrer  
Mato este audaz animal!

A onça era tão ligeira  
Como de um raio o clarão!  
Eu não voava, porém  
Mal sentava os pés no chão!  
Compreendi que em matá-la  
Estava a minha salvação.

E quando a fera avançou  
De arma em punho a esperei,  
E então ao pé da goela  
Tal punhalada lhe dei,  
Que o punhal, enterrado,  
Dentro dela abandonei.

Ela em minha mão esquerda  
Deu uma grande dentada,  
E onde passou as unhas  
Deixou-me a pele estofada;  
Só feriu-me no momento  
Em que lhe dei a punhalada...

A onça ao ver-se ferido,  
Um enorme salto deu  
Rugindo com tanta força  
Que a serra estremeceu  
Então por sobre o lajeado  
O corpo em cheio estendeu...

Enraivecida, rugindo,  
Tentava se levantar,  
Procurando em vão com os dentes  
A arma do peito arrancar,  
E eu, desarmado, temia  
Que ela voltasse a lutar!

Quando a fera se aquietou,  
Da gruta me retirei,  
E todo o resto da noite  
Noutra fuma repousei.  
Somente pela manhã  
Meus companheiros busquei.

E reunido ao meu grupo  
Nessa fuma penetramos;  
A onça morta a um canto  
Logo ao entrar encontramos;  
Minha pistola e meu rifle  
Ambos quebrados achamos.

Vi que no peito da fera  
O punhal estava enterrado  
E reparei que o meu rifle  
Tinha o caíce esfacelado!  
A pistola achei-a longe  
Com o gatilho quebrado.

Então do peito da onça  
O meu punhal arranquei,  
E o sangue o ensopava  
Logo em um lenço limpei  
Depois, com muito cuidado  
Eu a onça examinei...

Era uma onça pintada,  
De formas desconhadas  
Os dentes ponteados,  
Unhas longas, desiguais;  
Tinha os músculos dianteiros  
Mais grossos que os demais.

Retiramo-nos da gruta,  
E minhas feridas curei.  
Consertar as minhas armas  
Por um ferreiro mandei  
E junto aos meus companheiros  
Outras zonas procurei.

No Rio Grande do Norte  
Com a polícia me encontrei,  
E com o comandante desta  
Então conferencieei...  
É para pagar cerveja  
A ele logo intimei.

O major Seabra jurou  
Comigo não intervir  
Eu também lhe garanti  
Com os dele não bolir;  
Pois eu só mato soldado  
Que me anda a perseguir.

De novecentos e treze  
Eu em janeiro cheguei  
À Cachoeira dos Guedes,  
F do Rufino levei  
Dois contos; e um telegrama  
Para a Capital pessei.

Às altas autoridades  
Nesse telegrama eu disse  
Que só pretendo morrer  
Em adiantada velhice,  
E que elas me perseguindo  
Cometem grande tolice!

A força que acompanhava  
O alferes Irineu  
Encontrou-me em Soledade  
E alguns tiros me deu;  
Mas, fugi, por estar na casa  
De um velho amigo meu.

Em Lagoa do Remigio  
Fui à agência do correio;  
Botei pra fora o agente  
Somente porque era feio;  
Tomei lhe o cobre dos selos  
E contra mim ninguém veio.

Uma vez dono da agência  
Dei logo um expediente,  
E avisei ao diretor  
Que ali eu era o agente,  
E que todo o apurado  
Tocaria a mim somente!

Então de um negociante  
Comprei muita munição;  
Arranjei muito dinheiro  
Depois da arrecadação  
Ao povo da Serraria  
Fui passar uma lição.

Parto da Vila hospedei-me;  
Veio ali me visitar  
O major Antonio Bento,  
Que logo mandou chamar  
O delegado, e este foi  
Meu imposto arrecadar!

Eu estava no Ingá  
Na casa dum camarada,  
Quando inopidamente  
A fazenda foi cercada  
Por soldados de Polícia,  
Que não arranjaram nada...

Parque com muita cautela  
Resolvi me retirar  
Da fazenda, pois não quis  
Contra a polícia atirar.  
Nesse dia eu não estava  
Disposto a matar.

Há muito que procurava  
Encontrar um valentão  
Que para lutar comigo  
Tivesse disposição;  
E de achar esse duro  
Tive um dia ocasião.

Perto de Brejo de Areia  
A quatro de fevereiro  
De novecentos e nove,  
Encontrei esse guerreiro  
Que não matou-me porque,  
Vali-me de Deus primeiro.

Era um sujeito mestiço,  
De cabelos afogueados,  
Os dentes muito amarelos,  
Beijos grossos e rachados;  
Pés chatos e mãos compridas,  
Olhos grandes e encarnados.

Conheci que esse cabra  
Era mau de profissão  
Então para dar-lhe uma sava  
Me pediu o coração;  
E eu quis me certificar  
Se o cabra era valentão.

Gritei-lhe: — Cobra quem és?  
De onde vens e para onde vais?  
Disse-me o cabra: — Meu nome  
É Diabo ou Satanás;  
Venho do inferno e contigo  
Vou lutar ou fazer paz!

Vens comigo fazer paz?  
E eu pedi-te essa aliança?  
— Não pediu, mas podes ter  
Em mim toda a confiança...  
Respondi-lhe: — De salvar-me  
Ainda eu tenho esperança.

Disse-me o diabo: — E esperas  
Ainda por salvação?  
Tá esqueces que fazer crimes  
É só a tua profissão?  
Respondi: — E não se salvou  
Da Bíblia o Bom Ladrão?

— Se esse Dimas se salvou  
É porque amava a Deus,  
Mas tu és um inimigo  
Dos dez mandamentos seus!  
E eu perguntei: — E você  
Conhece os intuitos meus?

Disse-me o diabo: — Eu bem sei  
Que é funesto o teu destino:  
És traidor, és perverso,  
És ladrão e assassino!  
O teu fim será o inferno  
Irás comigo, Silvino!...

Quando eu ouvi o diabo  
Estas frases proferir,  
Respondi-lhe: — Pra que inferno:  
Contigo eu não hei-de ir!  
Disse-me ele: — Isso agora  
Havemos de decidir!

Para decidirmos isso  
Lutarmos muito é preciso...  
E dito isto disparei-lhe  
Um tiro de improviso  
O diabo aporou a bala  
E disse com ar de riso:

— Ah! Não me atires, porque  
Com balas tu não me ofendes,  
E acrescentou: — A certeza  
Eu tenho de que te rendes,  
Se prolongares a luta  
Eu juro que te arrependes!

— Render-me? Nunca! E o rifle  
Vinte vezes disparei. . .  
E presumo que os tiros  
Todos no diabo acertei,  
Mas este, aparando as balas  
Deu-mas quando eu terminei.

Então conheci que a bala  
Para o diabo não se fez:  
E manejando o punhal  
Vibrei-lhe com rapidez  
No peito uma punhalada,  
Mas errei indo uma vez!

Dei-lhe ainda muitos golpes  
Julgando que o matava,  
Mas todos foram perdidos  
Porque a arma não o furava:  
O punhal batia nele  
E envergado ficava!

Lutamos uns dez minutos. . .  
Então eu compreendi  
Que não vencias ao diabo,  
Porém, não esmoreci!  
E quando me vi perdido  
Logo de Deus me vólí. . .

Dizia o diabo sorrindo:  
— Levo-te sempre comigo;  
É melhor ficares manso,  
Que te terei como amigo,  
Então eu disse: — Meu Deus,  
Livrai-me deste inimigo!

Vi que lutando, morria;  
Eu a rezar me dispus  
Então me ajoelhei  
E rezei o credo em cruz,  
E disse: — Eu te esconjuro,  
Diabo! Em nome de Jesus!

Quando eu me persignei  
Pra longe o diabo correu  
E disse: — Falar em Deus,  
Foi isso o que te valeu.  
Mas de outra vez voltarei,  
Serás companheiro meu!

Depois fiz paz com o diabo,  
E hoje em dia ele me segue;  
E já não temo que o mesmo  
Para o inferno me carregue,  
Eu só não quero é que um dia  
Ele à polícia me entregue.

Deus que tinha eu no mundo  
Para um instrumento seu,  
Já havia decretado  
Tudo quanto aconteceu  
Comigo, depois desse dia  
Tirou o prestígio meu!

A dezoita de novembro  
Eu em Pacinhas cheguei;  
Que o padre Antonio Galdino  
Desse-me um jantar, mandei;  
E que me servisse à mesa  
Ao mesmo padre obriguei.

Quando eu me retirei, o padre  
Lançou-me a excomunhão,  
Missa de corpo presente  
Como em minha intenção.  
Na noite do mesmo dia  
Me apareceu uma visão.

Eu estava em uma casa  
Jogando bem descuidado,  
Quando apareceu-me um homem  
Com um objeto embrulhado;  
E me disse: — Eis um presente  
Que para si foi mandado.

Ergui a vista, porém,  
Já o homem não avistei;  
Abri o pacote, e dentro,  
Um par de algemas achei;  
Fiquei tão impressionado  
Que ali quase me assombrei.

Compreendi que o padre  
Botara-me urucubaca!  
A estrela que me guiava  
Via-a no céu mais opaca;  
Da minha vida a corrente  
Conheci que estava traca.

Na manhã do outro dia  
Eu na estrada encontrei  
Com um boi de Cristiano:  
Bem na testa lhe atirei;  
Visto não pegar o "gringo"  
No boi dele me vinguei.

Depois de andar oito léguas  
De onde o boi tinha ficado,  
Debaixo de um umbuzeiro  
Sentei-me um pouco enfadado,  
Quando vi chegar o boi  
No qual eu tinha atirado.

Esbarrou perto de mim  
Ameaçando-me dar  
Chegou esvaído em sangue  
E danado para urrar;  
Como quem vinha somente  
Para de mim se vingar.

Quando eu vi aquela cena  
Perdi logo a esperança;  
Conheci que minha vida  
Estava numa balança;  
O urro do boi dizia:  
Meu sangue pede vingança!

Conheci que aquele boi  
Da morte era mensageiro;  
Quis atirar-lhe, e meu rifle  
Mentiu fogo; então, ligeiro  
Me retirei e não quis  
Que matasse um companheiro.

Depois, com meus companheiros  
Fomos pra Taquaritingo,  
Eu convenci-me de que  
Me acompanhava a caninga.  
Meu coração me dizia:  
Silvino, volta e te vingá!

Porém, eu não quis voltar  
Na mesma noite cheguei  
Em Lagoa da Laje,  
E no mato me ocultei.  
Debaixo de um joazeiro...  
Quatro horas descansei...

Porém, no dia vinte e oito  
Melancólico me senti;  
Passar o dia jogando...  
Às cinco horas me vi  
Pela polícia atacado,  
E ao fogo, então resisti!

Como eu estava em campo raso,  
Num serrote me entrincheirei;  
Guiando os meus companheiros,  
De umas pedras me amparei,  
Foi ferido o Joaquim de Moura  
Mas brigando me conservei.

Foi por detrás de uma cerca  
Que a polícia se ocultou,  
De onde nos fazia fogo;  
O meu rifle disparou  
Trinta vezes contra ela,  
Mas nem um tiro acertou.

No pai de um velho companheiro  
Uma surra eu tinha dado;  
(Já fazia quatro anos)  
E o cabra havia jurado  
De me matar à traição  
Em um momento apressado.

Esse cabra traíçoeiro  
Perto de mim atirava  
Por detrás de uma pedreira,  
Vendo que eu não o via,  
Atirou-me por detrás  
Quando eu menos esperava!

E uma bala de Mauser  
Pelas costas me varou,  
E saindo pela peito,  
Um rombo enorme deixou,  
Cai no chão quase morto  
E o cabra ali me roubou.

Levou-me todo o dinheiro  
E um anel de brilhante,  
Levou-me um grande punhal  
E um rifle muito importante;  
Não pude me defender  
Porque estava agonizante.

Quando despertei da síncope  
Foi que me senti ferido;  
Ali procurei meu grupo  
Que de mim tinha fugido,  
Tudo quanto eu possuía  
Tinha desaparecido.

Com dificuldade ergui-me  
Depois de ter-me sentado;  
Olhei em redor e vi  
Um homem no chão deitado,  
Era o amigo Joaquim Moura  
Que se achava baleado.

Chamei-o, ele se sentou  
E me disse: — Estou perdido,  
Mas não me entrego à polícia,  
Portanto eu me suicido...  
Deu um tiro na cabeça,  
Morreu sem dar um gemido!

Quis eu também suicidar-me  
Mas as armas não achei;  
O veneno que eu trazia  
Nos bolsos, não encontrei,  
Levantei-me e a uma casa  
Quase de raste cheguei.

Ao dono dessa vivenda  
Fedi que fosse chamar  
O comandante da força  
Para o ele eu me entregar,  
Pois eu estava quase morto  
E queria me confessar.

Quando a polícia chegou  
Tinha o dia amanhecido  
Então o alferes Teófonos  
De mim se aproximou;  
Mas devido ao meu estado,  
Ele não me interrogou.

Fui para Taquaritinga  
Pela força conduzido;  
Levaram-me numa rede  
Porque eu estava tão ferido,  
Que não andava, e cheguei  
Quase que desfalecido.

Dois dias e uma noite  
 Eu passei encarcerado  
 Na cadeia da cidade,  
 Sendo muito visitado;  
 A vinte e nove já eu  
 Me sentia melhorado.

No dia trinta bem cedo  
 Em um burro me montaram,  
 E para Caruaru  
 Os soldados me levaram,  
 Mais de duzentas pessoas  
 Na estrada nos encontraram.

Chegando em Curuaru  
 Cinco horas descansamos;  
 Às duas da madrugada  
 Para o Recife embarcamos,  
 Às sete horas do dia  
 Nessa Capital chegamos.

Por médicos e enfermeiros  
 Vim no trem acompanhada  
 O Dr. Chefe de Polícia  
 Também se achava o meu lado,  
 Tratamento de primeira  
 Foi sempre o mim dispensado.

Mais de duas mil pessoas  
 Me esperavam na estação,  
 E me olhavam confusas  
 Com muita admiração  
 Grande massa acompanhou-me  
 À Casa de Detenção.

A bala que me feriu  
 Pelas costas penetrou,  
 Saiu no peito direito  
 E o pulmão me afetou:  
 Mas só prostou-me porque  
 A cardite me atacou.

Os médicos já conseguiram  
 Meus ferimentos curar...  
 O resto da minha vida,  
 Vou na prisão descansar,  
 Porque dos crimes que tenho  
 Não espero me livrar.

Já me confessei a um frade  
 Mas não estou regenerado,  
 Acho-me muito abatido  
 E estou desequilibrado;  
 Agora com o suicídio  
 Eu vivo impressionado.

Somente à fatalidade  
 Eu devo a minha prisão,  
 Pois todos sabem que eu era  
 Um indomável leão!  
 E nem eu sei porque foi  
 Que me entreguei à prisão.

Não me prenderam, entreguei-me  
 Porque fui impulsionado  
 Pelo destino talvez!  
 Vi-me ferido e roubado,  
 Vim morar nesta prisão,  
 Cumprir a lei do meu fado.



## O MEU JULGAMENTO



Fazia vinte e um meses  
Que eu me achava na prisão;  
Já estava mais robusto  
E completamente são,  
Quando fui levado à Olinda  
Pra ser julgado então.

Foi em mil e novecentos  
E dezesseis bem me lembra  
Começou o meu julgamento  
No princípio de setembro,  
Estava reunido o júri  
Sem que faltasse um só membro.

Presidiu meu julgamento  
O Dr. César Godim,  
O qual foi pelo governo  
Escolhido pra esse fim;  
Não sendo ele meu amigo  
Podia julgar a mim.

Foi o meu advogado  
Dr. Adolfo Simões;  
Esse ilustre bacharel,  
Com suas aptidões,  
Prevou que eu tive razão  
Em dominar os sertões.

O Dr. Pedro Caú  
Serviu como promotor,  
Como órgão da Justiça  
Foi o meu acusador,  
Quis esse dar aos meus crimes  
Maior vulto e mais horror.

Disse o juiz de Direito:  
— Queira o réu me responder:  
Se sabe porque está preso,  
Porque julgado vai ser;  
Pode também alegar  
Razões pra se defender.

Respondi-lhe: — Sr. juiz,  
Porque estou preso bem sei,  
Pois vim pagar na prisão;  
Os crimes que pratiquei;  
Razões pra me defender...  
Algumas alegarei.

— Conceda ao réu a palavra  
Para ele se explicar;  
Dizendo quais as razões  
Que teve para matar,  
E em que lei encontrou  
O direito de saquear.

— Senhor juiz eu criei-me  
Como um sertanejo honrado,  
Vivendo do meu trabalho  
Sem a ninguém ser pesado,  
Quando atingi dezoito anos  
Vi meu pai assassinado.

Os que mataram meu pai,  
Em vez de perseguição  
Da polícia do lugar  
Tiveram foi proteção,  
Então resolvi matá-los  
E acho que com razão.

Depois dos primeiros crimes  
Vi-me logo perseguido;  
Fui obrigado a viver  
Nas montanhas escondido  
A lei da necessidade  
Obrigou-me a ser bandido.

Disse o juiz: — Estou ciente,  
Vejo que teve razão  
De se fazer criminoso,  
E mandou que o escrivão  
Iniciasse a leitura  
Do meu processo em questão.

Leu o escrivão o processo  
Todo arbitrário e ilegal,  
Depois fez-me o promotor  
Uma acusação verbal;  
Disse que eu como bandido  
Era o genio do mal.

E falou: — Senhores jurados,  
Este é o Antonio Silvino  
Que matava no sertão  
Homem, mulher e menino,  
Era ladrão e malvado,  
Desonrador e assassino!

Durante doze anos  
Foi o terror dos sertões,  
Assombravam a todo o mundo  
As suas depredações  
São de um homem desabusado  
Todas as suas ações.

Confio que os jurados,  
Que são homens conscientes,  
Dêem o máximo da pena  
Que é o premio dos delinquentes  
A essa fera humana  
Assassina de inocentes.

Falou meu advogado  
Replicando ao promotor,  
Provando que eu nunca fui  
De inocentes matador;  
Sempre respeitei a honra  
E nunca fui salteador.

Disse que eu sempre matei  
Todos que me perseguiam,  
Que nas vilas do sertão  
Com festas me recebiam,  
E o que eu tomava dos ricos  
Dava aos que me pediam.

E disse que eu no sertão  
Nunca de ninguém roubei,  
Aos conhecidos pedi,  
Dos governantes tomei;  
Somente dos inimigos  
As casas incendiei.

Findando o advogado  
Sua bela locução,  
Pedi aos doze jurados  
Que votassem meu perdão,  
Provando que eu era vítima  
De uma vil perseguição.

Colou-se o advogado  
E o júri se recolheu  
Quando o grupo de jurados  
Na sala reapareceu;  
O Dr. Juiz de Direito  
A minha sentença leu.

Trinta anos de prisão  
Fui eu então condenado  
Anular esta sentença  
Não pôde o advogado;  
Voltei para a Detenção  
Um pouco contrariado.

Porém, já resignei-me  
A cumprir minha sentença,  
Pois quem mata o semelhante  
Não vê de Deus a presença;  
A prisão é dos criminosos,  
A legítima recompensa.

Hoje estou arrependido  
De ter sido um delinquente;  
Já ofereci-me ao governo  
Pra ir pra linha de frente  
Dar combate aos alemães,  
E morrer como valente.

5067

# © TIRA-GÔSTO IDEAL

## PIRDAS DE BEBADOS



# JÁ NAS BANCAS!

Folheto de caros de S. N. B.